

Desconfiança nas instituições democráticas

Homero de Oliveira Costa

Jornal de Hoje 03.07.2005

Num estudo publicado na revista *Opinião Pública* (CESOP, Campinas, Vol.XX, n.1, 2005) com o título acima, José Álvaro Moisés (Universidade de São Paulo), baseado numa ampla pesquisa mostra como “ao mesmo tempo em que apoiam o regime democrático *per se*, os brasileiros revelam uma ampla e contínua desconfiança em suas instituições”. Em seguida, aduz que “a confiança nas instituições radica-se na avaliação que os cidadãos, partindo de sua experiência, fazem do modo como aquelas desempenham a missão para a qual foram criadas”.

Embora constatare a desconfiança nas instituições públicas, a referida pesquisa também revela que há um apoio à democracia, ou seja, há uma separação entre a avaliação dos governantes e a da democracia como tipo de regime. Tal procedimento se insere no quadro de uma sociedade no qual a escolha dos representantes está vinculada à pessoa do candidato, sua confiança nele. Em suma, o que importa é a escolha das pessoas e não dos partidos e/ou programas de governo.

A mesma revista traz o artigo “Desconfiança política na América Latina”, de Timothy Power e Giselle D. Jamison, o qual “examina o contexto, as causas e as conseqüências da desconfiança nos políticos no atual período democrático da América Latina”. Para os autores, a confiança nos políticos na América Latina é muito baixa, sendo isso um dos aspectos de uma síndrome de baixa confiança generalizada.

O mesmo artigo revela ainda que, na atual fase democrática, detectou-se que os latino-americanos exprimem níveis baixos de confiança em quase todos os tipos de instituições sociais, políticas e econômicas (apenas a Igreja Católica goza do que consideram uma “classificação alta”)

Os dados analisados pelos autores são amplamente confirmados pelos estudos do Instituto Latinobarómetro. Pelos resultados disponíveis do último *survey*, uma cultura de desconfiança permeia a América Latina, acompanhada

de um crescente ceticismo em relação aos políticos e pouco apoio às instituições representativas, como os partidos e o Congresso Nacional. E mais: isso vem acontecendo sistematicamente desde 1997: de um percentual de 28% de confiança nos partidos, naquele ano, esse índice caiu para 11% em 2003, e de 36% para 17% em relação ao Congresso.

Os dados revelam que o Brasil ocupa o último lugar entre os países latino-americanos em termos de confiança nos políticos, nos partidos e na democracia. Apenas 37% segundo a pesquisa, concordam com a frase “a democracia é preferível a qualquer outra forma de governo”.

O Latinobarómetro, sediado no Chile, realiza pesquisas na América Latina, anualmente, desde 1995. Em 2000, no Brasil, os que preferiam a democracia a qualquer outro modelo era de 39% enquanto em 2001 esse percentual caiu para 30%. Embora ainda baixo, os dados de 2003 revelam pelo menos uma recuperação em relação a 2001.

No entanto, os dados são preocupantes e certamente se uma pesquisa com as mesmas dimensões fosse realizada hoje, levando em conta os escândalos de corrupção que atingem o governo Lula, o uso instrumental das instituições políticas e a desmoralização do Congresso Nacional (pelo menos a parcela dos envolvidos), creio que teríamos ampliado o ceticismo e a descrença nas instituições políticas, ainda que as informações cheguem ao grande público de forma fragmentada.

A meu juízo, o que temos assistido – e que vai além dos escândalos recentes – é uma crise global do sistema de representação e do declínio da importância dos partidos políticos como instância e mecanismo eficiente de mediação política.

E mais: em tempos de economia globalizada, especialmente nos países capitalistas periféricos, há um processo de desintegração dos espaços clássicos de intermediação política, que afeta não só os partidos, como os sindicatos e os movimentos sociais.

A crise, portanto, atinge os partidos e os atores políticos, mas também expressam o alijamento dos cidadãos com relação aos assuntos públicos, o que pode levar à apatia e à descrença.

Em relação especificamente à crise política que estamos vivendo, duas coisas preocupam. Primeiro: o perigo da generalização (como se todos os partidos e todos os políticos fossem iguais, e não o são); e, segundo, o fato de que isso pode levar a sentimentos pró-autoritários e ser explorado por demagogos e populistas, “salvadores da pátria”, como ocorreu em passado recente, com os resultados conhecidos.

Homero Costa é professor do Departamento de Ciências Sociais da UFRN
http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/homero_costa/index.html

